



VOZ DA FÁTIMA

«A paz é obra de Deus. Foi Ele que colocou nos nossos corações o desejo ardente da paz. É Ele que nos impulsiona a cooperar para ela, cada um com a sua quota parte. Únicamente Ele nos pode dar um espírito pacífico e consolidar em profundidade e solidez os nossos esforços pela paz.»

(Paulo VI, Exortação sobre o Rosário, 7/10/69)

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLVII — N.º 566
13 DE NOVEMBRO DE 1969
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

O General San Martín mandava rezar o terço todas as noites aos seus exércitos, costume que herdou do general Belgrano, o grande pedagogo da Revolução de Maio.



Filipe II, perto de morrer, chamou o seu filho e disse-lhe, entregando-lhe um rosário: «Toma este rosário. Recebi-o de teu avô, imperador. Se queres ter paz e governar bem, trá-lo sempre contigo».



O aviador americano Marx Conrad, depois de bater o recorde de Nova Iorque a Paris, declarou que distribuiu o tempo em três ocupações: governar o avião, distrair-se com a gaita de beijos e rezar o terço.



O célebre compositor alemão Haydn confessava aos seus admiradores: «Quando estou a compor uma obra e sinto que me foge a inspiração, pego no terço e rezo-o. Logo me vêm à mente as melodias, em caudais, e por vezes com tanta abundância que nem tenho possibilidade de as anotar.»



Finlay chegara a casa, alta noite. Esgotado, dispunha-se a dormir,

quando deu conta que ainda não tinha rezado o terço, o que fazia diariamente, houvesse o que houvesse. Começou a passar devotamente as contas do rosário. Um mosquito teimoso revoltava de contínuo à volta da sua cabeça, obrigando-o por vezes a desviar para ele a sua atenção. De repente, como que iluminado pela SS.^{ma} Virgem que nesse momento invocava, teve a intuição da teoria que o havia de immortalizar:

o mosquito agente transmissor da febre amarela.

Assim terminara uma longa série de esforços, trabalhos e investigações sem conta.

O Presidente da República do Equador, Gabriel Garcia Moreno, apesar das suas graves e múltiplas obrigações oficiais, rezava o terço todos os dias, com a família, os criados e os ajudantes.

No dia 11 de Novembro de 1951, o Ministro da Educação Nacional

de Espanha, D. Joaquim Ruíz Guiménez, tomou parte num funeral em Valência. Desde o princípio ao fim, o Ministro não disse uma palavra. Tirou o rosário do bolso e esteve sempre a rezá-lo.

Ozanan, enquanto incrédulo, entrou um dia numa igreja em Paris.

Cruz; Mozart atribuía a ele os seus êxitos, e o mesmo dizia Gluk que nem um só dia deixava de o rezar.

Os grandes homens rezavam o terço todos os dias

Em frente dum altar estava um ancião a rezar o terço. Aproximou-se. Era o seu professor Ampère, o inventor do telégrafo. «O rosário de Ampère — diria mais tarde o convertido — fez-me mais bem que todos os livros e todos os sermões».

Encontramos um apreço extraordinário por esta fórmula de oração na vida de grandes vultos como Pasteur, Volta, Recamier, Danton, Cortes, O'Connell, Montalembert, Menendez y Pelayo, Ozanan, Chevreul, Cervantes, Tirso de Molina, Lope de Vega, Torcato de Tasso, Silvío Pélico, etc..

Miguel Ângelo rezava-o com grande fervor; Murillo recitava-o diante do seu quadro do Descimento da

sário e o seu rosto reflectia a devoção intensa com que o rezava. Intrigado o jovem exclamou:

— O senhor parece que ainda acredita nessas velharias!...

— Sim. E tu, não?

O estudante soltou uma estripitosa gargalhada e respondeu:

— Eu? Se o senhor quiser seguir o meu conselho, atire com esse terço pela janela e aprenda o que diz a nova ciência.

— A nova ciência? — fez o velho com espanto. — Não consigo compreender essa ciência. Talvez tu me pudesses ajudar.

— Dê-me a sua direcção — acrescentou o rapaz cheio de importância — e eu lhe enviarei alguns livros que o podem ilustrar.

O homem tirou do bolso um cartão de visitas e entregou-o ao rapaz. Liam-se nele estas palavras: Louis Pasteur, Institut de Recherches Scientifiques, Paris.

O jovem universitário baixou a cabeça e não teve coragem de dizer uma só palavra. Agora sabia em frente de quem estava.

Recamier, o mais célebre médico do seu tempo, médico dos grandes senhores, dos príncipes e dos reis, rezava o terço todos os dias.

«Eu rezo o terço — dizia ele com orgulho — quando estou inquieto por causa dalgum enfermo; quando a medicina se declara impotente, dirijo-me a quem pode e sabe curar tudo. Raras vezes tenho possibilidade de rezar o terço duma vez, mas rezo-o aos poucos pelos caminhos. Sento-me no coche, levo a mão ao bolso e entro em conversa... o rosário é o meu intérprete».

(De «Mensagem»)



FÁTIMA, 13 de Outubro de 1969 — Um grupo de estandartes do Exército Azul de Nossa Senhora incorpora-se na procissão, vendo-se, no primeiro plano, o Sr. José Lowell, da Irlanda, que desde 1949 vem à Fátima todos os anos. Agora, levou 10.000 medalhas para distribuir na sua terra, benzidas pelo Senhor Bispo de Leiria.

Homenagem aos Reitores do Santuário

CONSTITUIU um acontecimento de alto significado a homenagem que o povo e amigos da Fátima prestaram, no dia 28 de Setembro, aos quatro Reitores que estiveram à frente do Santuário nestes 50 anos.

A esta festa juntaram-se inúmeras pessoas que vieram do Porto, Leiria, Lisboa, Abrantes e dos vários lugares da freguesia da Fátima, com especial relevância para a população da Cova da Iria que esteve representada pelos superiores dos Seminários, Ordens Religiosas dos dois sexos, autoridades, comerciantes, industriais, hoteleiros, etc.

Às 5 horas da tarde, houve na Basílica uma celebração presidida pelo Senhor D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria, em que tomaram parte 16 sacerdotes, entre os quais Monsenhor António Antunes Borges, actual Reitor. Ao evangelho, o Senhor Bispo dirigiu-se aos fiéis que enchiam a Basílica louvando a iniciativa dos habitantes da Cova da Iria e de todos os amigos que se lhes associaram, de sufragar as almas dos Revs. PP. Manuel de Sousa e Dr. Joaquim Lourenço, e de homenagear os Rev.ºs Cônego Amílcar Martins Fontes e Mons. António Antunes Borges, reitores vivos. Enalteceu as virtudes dos homenageados a quem agradeceu, em nome do Prelado diocesano que não pôde estar presente por se encontrar na Alemanha, os serviços prestados à Igreja, ao Santuário, à Mensagem de Nossa Senhora.

Em seguida, na sala de visitas da Casa dos Retiros «Nossa Senhora das Dores» houve uma sessão para inaugurar os retratos dos Reitores, pintados a óleo pelo Mestre João Reis. Perante os Senhores Dom Domingos, Mons. Borges, Pároco da Fátima e muitos sacerdotes, entre os quais alguns discípulos de Mons. Borges, em Roma, Presidente e Vice-Presidente da Câmara de Vila Nova de Ourém e centenas de pessoas, o Sr. Francisco Pereira de Oliveira, secretário da comissão organizadora, fez a história da acção dos Reitores do Santuário nestes 50 anos. Monsenhor António Borges agradeceu esta homenagem que endossou ao Senhor Dom José Alves Correia da Silva, o Bispo providencial da Fátima, cujo retrato se encontrava na mesma sala.

Num hotel da Cova da Iria, efectuou-se depois um jantar de homenagem a Monsenhor Borges, em que tomaram parte o Senhor Bispo, as autoridades e mais de 200 outras pessoas. Foram proferidas palavras elogiosas da acção, verdadeiramente apostólica, de Mons. Borges pelo Pároco da Fátima, o Prior do convento dominicano, o Presidente da Câmara, o Dr. Pereira Gens, pelos servitas, o Senhor Bispo. Por fim Mons. Borges agradeceu a homenagem.

Acção dos Reitores

RELATA a história de Portugal que à medida que os primeiros Reis iam dilatando as fronteiras do território nacional, tratavam imediatamente de fundar mosteiros, conventos e igrejas, certamente com duas finalidades: agradecimento pela intercessão divina a favor das armas portuguesas e fomento do potencial humano caracterizado pela ilustração das artes e das letras, da agricultura e da indústria.

E foi assim que, junto desses mosteiros, santuários e igrejas, se ergueram povoações cujos moradores, no contacto com as Comunidades religiosas, foram crescendo no conhecimento das ciências eclesiásticas, das artes e dos ofícios e se formaram os santos e os guerreiros da nossa História pátria.

Naturalmente o maior contributo para a grei provinha dos superiores e mestres dessas Comunidades. Não nos é difícil verificar estes factos através dos centros, não longe daqui, como Alcobaca, Batalha, Ourém e Tomar. A influência religiosa foi de tal ordem que até muitos dos lugares situados à sua volta recordam e atestam a presença das Ordens Religiosas, pelos nomes por que nos tempos actuais são designados. O que sucedeu bem perto de nós, repetiu-se pelo País além, com larga preponderância para as Ordens e Instituições de carácter mariano, de forma que Portugal se designou por Terra de Santa Maria.

A história repete-se.

Em 1917, nesta terra, então apenas mato e pequenas e raquíticas árvores, apareceu a Mãe de Deus a 3 crianças do lugar de Aljustrel, desta freguesia da Fátima. Foi Nossa Senhora quem fundou o Santuário e a povoação da Cova da Iria.

D.º Manuel de Sousa

E, se a Autoridade Eclesiástica da Diocese — o Sr. D. José Alves Correia da Silva — levou 15 anos para aprovar o culto de Nossa Senhora sob a invocação da Fátima e para declarar dignas de crédito as aparições na Cova da Iria, a presença aqui de multidões constantes e o desenrolar de cerimónias grandiosas passou a ser facto tão incontestável, confirmado por ocorrências verdadeiramente sobrenaturais, de tal modo que, mesmo antes de tornarem dignas de crédito as visões das 3 crianças, o

Senhor Bispo mandou para aqui o primeiro reitor, o Sr. P. Manuel de Sousa, até então Pároco da freguesia de Seiza.

Na Cova da Iria, o Senhor Dom José havia confiado os primeiros trabalhos, a construção dos muros, a edificação da Capela das Aparições e a abertura dos alicerces do Hospital, a uns pedreiros e canteiros do lugar da Chaiça, que tinham como encarregados os Vicentes — pai e filhos —, família de operários que haviam tomado a seu cargo a construção das igrejas de Santa Catarina da Serra e da Fátima, e cujo chefe — o Manuel Vicente — sabia fazer desenhos e «ler» as plantas dos arquitectos e engenheiros.

Mas, mais que cuidar das obras e dos operários, tornava-se necessário ter no local um sacerdote que pudesse prestar assistência religiosa aos inúmeros peregrinos que diariamente vinham à Cova da Iria cumprir promessas e fazer súplicas à Mãe de Deus, e também para tomar conta das esmolas e ex-votos, preparar as cerimónias das peregrinações dos dias 13, providenciar os meios indispensáveis para que ao local não faltassem condições humanas, e ainda para dispor as coisas para os primeiros reitores, pois era ideia fixa do Senhor Dom José que o Santuário se tornasse, como de facto é, centro de formação religiosa de todo o País, através de retiros, cursos de formação e congressos.

De tudo isto se desempenhou com a maior dedicação e zelo o Senhor P. Manuel de Sousa, nos primeiros tempos do Santuário. Alguns se recordarão ainda de o ter visto com o seu guarda-pó vestido, junto dos «mestres» Vicentes, e dos outros encarregados, como o Manuel Carreira e o José da Assunção, a desdobrar as plantas das primeiras construções, a tomar conta de tudo o que dizia respeito ao desenvolvimento e arranjo do local das aparições. Era o «mestre de obras», sim, mas foi sobretudo o sacerdote que devotamente celebrava a missa e rezava o terço diariamente, confessava e atendia os peregrinos, providenciando para que o Santuário se preparasse para ser um verdadeiro centro de devoção mariana.

Tratou de adquirir um motor para fornecimento de energia eléctrica e não poucas vezes teve que ser ele o mecânico que o punha a funcionar e dele tratava, o mesmo sucedendo com os primeiros alto-falantes. A água era guardada em depósitos construídos na rocha, e, junto da fonte da água miraculosa, mandou o Sr. P.º Sousa fazer mais cisternas para arrecadação da água indispensável para os peregrinos e para as obras.

Abalado pela doença, o Sr. P.º Manuel de Sousa, depois de exercer o cargo pelo espaço de 10 anos, retirou-se da Fátima e foi viver no convento do Varatojo, tendo mais tarde prestado serviço como capelão na Marinha Grande, onde faleceu a 13 de Outubro de 1950.

D.º Amílcar Martins Fontes

Em 29 de Junho de 1937, o Senhor Dom José mandou para o Santuário como capelão o Sr. P.º Amílcar Martins Fontes, sacerdote a que a Fátima não era estranha. Aqui tinha cantado a sua primeira missa e, enquanto professor do Seminário de Leiria, havia sido o director diocesano dos Cruzados da Fátima.

Só uns anos depois é que o Senhor Bispo o nomeou Reitor do Santuário.

Se o Sr. P.º Sousa havia sido providencialmente designado para dirigir «in loco» os primeiros passos do Santuário, não há dúvida de que a escolha do Sr. P.º Amílcar para 2.º reitor foi das mais acertadas.

Algum tempo depois de tomar conta do seu cargo, verificou o Sr. P.º Amílcar a necessidade de pôr em prática diversas medidas, entre as quais a de chamar a atenção de todos os que então prestavam serviço por conta de Nossa Senhora, inclusive aos próprios encarregados e mestres pelo cumprimento dos seus deveres. Alguns destes não lhes pareceu bem tal medida e resolveram abandonar o trabalho, deixando o Reitor sem encarregados para os diversos sectores de obras. Não se intimidou, porém, o Reitor. Procurou novos operários, capazes de serem encarregados, e as obras prosseguiram num ritmo sereno e seguro debaixo da orientação do Sr. P.º Amílcar Martins Fontes. E, pelos anos seguintes, até 1951, foram construídas as Casas dos Retiros, os Hospitais, concluída a Basílica e feitas tantas obras necessárias para a vida do Santuário. Dotado duma capacidade física invulgar, duma larga visão, de espírito empreendedor e, sobretudo, de bondade inextinguível, embora por vezes o seu aspecto físico o não denote, o Sr. P.º Amílcar não foi apenas o Administrador, fiel cumpridor das ordens e desejos do seu Prelado, mas foi, sobretudo, na Fátima, durante 20 anos, o sacerdote que celebrava as missas na Capela das Confissões, durante o tempo em que esteve ao culto, na Capela do Hospital, enquanto a Basílica era preparada, e, depois, ali, em altar improvisado. Presidia às devoções diárias, assistia aos peregrinos e a todos prestava assistência espiritual. Era o Padre que fazia plantas e interpretava, não sem dificuldades, por vezes, as que os arquitectos e técnicos lhe forneciam e que a falta de planos prévios e a deficiência de meios técnicos, tornavam de difícil execução, caindo-se por vezes na incongruência de construir hoje e ter que demolir depois.

Encontrava tempo para se reunir diariamente com os seus encarregados e operários na reza do terço, devoção que estes tomaram depois da realização dum retiro, a cujo encerramento presidia sempre o Senhor Dom José.

Encontrava ainda tempo para tomar parte nas reuniões da Conferência de S. Vicente de Paulo, cuja fundação na Cova da Iria aplaudiu, pondo à disposição dos confrades uma sala no Santuário para as reuniões. Era um vicentino que visitava semanalmente o seu pobre.

A povoação da Cova da Iria que, à data em que o Sr. P.º Sousa foi reitor, tinha 7 fogos, 32 habitantes e 4 casas comerciais, foi aumentando em população, de forma que, entre 1946 e 1951, era já um aglomerado urbano constituído por 117 fogos, 602 habitantes, 55 hotéis e pensões, colégios e casas de comércio.

Sempre que o Sr. P.º Amílcar alcançava para o Santuário os meios materiais indispensáveis para o acolhimento das grandes multidões, não hesitava em estendê-los à povoação, pois tinha bem presente que os peregrinos, ao entrarem no Santuário, passam pela Cova da Iria. E foi assim que, à sombra do Santuário e debaixo das ordens do Sr. P.º Amílcar, os habitantes da Cova da Iria puderam ter luz eléctrica, correio, telégrafo e telefone e a pouca água que sobrava do abastecimento do Santuário feito em 1950 através da conduta que vinha da Caridade, em Vila Nova de Ourém. Fundou o Sr. P.º Amílcar a Associação dos «Amigos do Catecismo» cujos membros subsidiavam as despesas com o aluguer de filmes de catequese e culturais que ele, todos os domingos, passava na sua máquina de cinema, para as crianças e famílias da Cova da Iria.

Por altura da realização do Sinodo Diocesano, o Senhor Bispo distinguiu o Sr. P.º Amílcar com a dignidade de Cônego honorário da Sé de Leiria, mas a sua humildade e o seu espírito de verdadeiro sacerdote preferiram sempre o tratamento de P.º Amílcar. Ele o declarou quando em 1957, ao abandonar, a seu pedido, as funções de Reitor, numa homenagem então promovida pelos amigos da Cova da Iria, o Sr. Dr. Carlos Mendes, ao referir a generosidade e a bondade do ilustre sacerdote. O tratou por Padre Amílcar.

Em 1950 e 1951, o recinto do Santuário sofreu as transformações urbanísticas derivadas dum plano aprovado pelo Senhor Bispo e pelo Governo. O Santuário passou a beneficiar de assistência técnica do Ministério das Obras Públicas. Para todos estes trabalhos, nem sempre isentos de dificuldades, o Sr. Cônego Amílcar se mostrou o homem inteligente, apto, zeloso, o Reitor admirado e respeitado por todos, técnicos e operários, que contribuíram para a edificação do Santuário de Nossa Senhora, a cuja história ficará para sempre ligada a sua acção. O Sr. Cônego Amílcar será sempre recordado com saudade e verdadeira amizade por todos os que com ele tiveram o prazer de tratar como Reitor do Santuário, e, sobretudo, pelos habitantes da Cova da Iria.

Dr. Joaquim Lourenço

Quando o Sr. Cônego Amílcar deixou a Reitoria, o Senhor Bispo nomeou para o substituir, como reitor interino, o Sr. Dr. Joaquim Lourenço, sacerdote também já de certo modo ligado à Fátima, pois exercia o cargo de delegado do Prelado diocesano na Associação internacional denominada «Exército Azul», cuja sede se encontra na Cova da Iria.

Recebeu o Sr. Dr. Lourenço uma herança bastante pesada. A administração do Santuário não lhe era coisa fácil, dado o desenvolvimento adquirido com a realização das grandiosas cerimónias da coroação da imagem de Nossa Senhora e do encerramento do Ano Santo, a construção da Colunata, remodelação do Hospital, compra de inúmeros terrenos que a clarividente visão do Sr. Cônego Amílcar levou a adquirir, para ampliação e regularização da zona prevista pelo Plano de Urbanização, e por tantos e delicados problemas ligados à vida administrativa do Santuário e, sobretudo, ao culto de Nossa Senhora.

O Sr. Dr. Lourenço assim o compreendia e procurou pôr em prática várias medidas para uma melhoria da vida administrativa, embora a sua saúde lhe não permitisse dedicar-se totalmente ao exercício do seu cargo. A sua permanência na Índia, como missionário, durante vários anos, havia depauperado as suas forças físicas. Porém, durante os 3 anos em que exerceu o cargo de Reitor interino, fê-lo com verdadeira dedicação e zelo, com uma meticulosidade que lhe era proverbial, procurando atender a todos, e sobretudo aos peregrinos, com o maior carinho e espírito de autêntico servidor de Nossa Senhora. Bem merece, pois, que a sua memória seja recordada por todos e, sobretudo, pelos habitantes da Cova da Iria, com o maior reconhecimento e veneração.

Mons. António Antunes Borges

Em 13 de Agosto de 1959, tomou posse do cargo de Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Fátima o Rev.º Monsenhor António Antunes Borges, que regressava de Roma onde, com o maior acerto e dignidade, havia desempenhado as funções de Reitor do Instituto de Santo António dos Portugueses e de Consultor Eclesiástico da Embaixada de Portugal junto da Santa Sé.

Como os seus antecessores, Mons. Borges não era desconhecido na Fátima. Aqui, em diversas cerimónias,

havia dirigido a sua palavra, fluente e apostólica, aos peregrinos de Nossa Senhora. Chegou mesmo a constar na Fátima que, antes de ir para Roma, para o Instituto de Santo António dos Portugueses, Mons. Borges havia sido indigitado para vir para a Fátima auxiliar o Senhor Cónego Amílcar.

Completaram-se, portanto, 10 anos no passado dia 13 de Agosto, da Reitoria de Mons. Antunes Borges. Eu não posso dizer o que tem sido a acção de Monsenhor Reitor durante estes 10 anos. Creio que todos os que aqui nos encontramos temos tido o prazer de admirar a sua acção, o seu zelo de verdadeiro guardião de Nossa Senhora, o seu espírito empreendedor e a sua habilidade administrativa. Apesar disso, não me furto a dar uma páldia panorâmica da sua acção nestes 10 anos.

ADMINISTRAÇÃO — Quem não recorda o que foram as instalações da secretaria do Santuário no tempo do Sr. Cónego Amílcar, para não falar no tempo do Sr. P.ª Sousa? Durante muitos anos, os serviços da secretaria estiveram instalados em metade duma sala do rés do chão na Casa dos Retiros. Ali se recebiam as esmolas, se inscreviam as missas, se fazia a correspondência, as contas da Administração, se pagava aos operários e aos fornecedores do Santuário. Naquela sala continuaram instalados os serviços durante a Reitoria do Sr. Dr. Lourenço.

Quando Mons. Borges tomou conta da Administração, tratou logo de instalar os serviços numa sala do Hospital, enquanto preparava as actuais instalações, pois era seu convencimento de que sem meios condignos não podem as pessoas dar todo o rendimento do seu trabalho. Dotou, por isso, a secretaria de meios indispensáveis ao seu bom funcionamento.

OBRAS — Quando chegou, encontrou Mons. Reitor o hospital que era designado por velho, mas, remodelado, ficou a chamar-se novo, e que ele cognominou por Hospital «Senhora das Dores», em fase de acabamento. Depois de vários estudos elaborados pelo Arquitecto António Lino para as instalações do serviço de lava-pés, obra tão meritória para os milhares de peregrinos que vêm à Fátima a pé, fez ele o plano da distribuição de salas, e mandou equipar com meios cirúrgicos capazes e não só a secção de lava-pés mas todo o hospital para onde se adquiriu o melhor e o mais moderno equipamento de assistência aos doentes, que causa admiração a médicos e especialistas que o consideram superior ao equipamento dos serviços de assistência aos peregrinos do Santuário de Lurdes e outros santuários de fama mundial, que conhecem.

Mandou remodelar o coro da Basílica, de forma a permitir a junção dos diversos elementos do grande órgão. Mandou beneficiar as redes de distribuição de água e de luz eléctrica e a da iluminação do recinto por reconhecer nelas diversas deficiências.

Adaptou, com a colaboração dum Arquitecto do Porto, a capela do Hospital, conseguindo para ela o recolhimento e acolhimento que a tornam tão apreciada.

Pena é que determinadas circunstâncias tenham obstado a que Mons. Borges não veja realizarem-se as obras que, por sua iniciativa, foram estudadas e architectadas, como a cobertura da Colunata e o Auditório, e que proporcionariam a resolução de problemas que assobrem o seu espírito clarividente e empreendedor. Esperamos, contudo, que a sua persistência e tenacidade acabarão por vencer as hesitações e, dentro de alguns anos, possa ver realizadas as suas aspirações.

CULTO — Nestes 10 anos tem Monsenhor Reitor dotado o Santuário de objectos e alfaias litúrgicas capazes de satisfazer e dar luzimento às mais grandiosas cerimónias. Além disso, enriqueceu a Basílica com os vitrais e painéis que o distinto artista João de Sousa Araújo concebeu e que por todos os devotos de Nossa Senhora são apreciados com verdadeira unção religiosa.

PATRIMÓNIO ARTÍSTICO E BIBLIOTECA — Embora com uma limitação de espaço que o não satisfaz, Mons. Reitor tem dotado a Biblioteca do Santuário com obras e volumes de carácter mariano que formam já um conjunto apto a satisfazer os estudiosos. Não se furta ainda a trazer para o Santuário todos os objectos que possam enriquecer o seu património artístico e cultural.

Embora o seu tempo se encontre tomado por inúmeros trabalhos, encontra ainda ocasião para se dedicar ao estudo de problemas relacionados com a história da Fátima e outros, que tem publicado em diversos jornais e revistas.

RESPEITO E DIGNIDADE DO LOCAL DAS APARIÇÕES — É porventura este um dos aspectos mais importantes e delicados da actuação de Monsenhor Reitor, mas também o que torna mais eficaz e de maior valor a sua acção.

Não devemos esquecer que, desde a primeira hora, foi preocupação do Senhor Bispo de Leiria afastar do recinto tudo o que constituísse profanação. Uma das suas primeiras medidas foi mandar vedar os terrenos adquiridos para a realização das cerimónias e a publicação de normas para o impedimento de vendas de produtos no recinto das aparições. E esta orientação cumpriram-na todos os Reitores, desde o Sr. P.ª Sousa que não hesitou em deitar por terra os trechos que uma mulher das redondezas teimava em vender à porta da capela; o Sr. Cónego Amílcar que teve que empregar o seu pulso de homem para mostrar a um cauteleiro teimoso que não podia apregoar e vender o jogo da lotaria em volta da Capela das Aparições. Foi o Sr. Cónego Amílcar quem mandou fazer as primeiras vigilâncias em volta das bicas do antigo monumento ao Sagrado Coração de Jesus, para que não fossem ali proferidas palavras indecorosas e a água de Nossa Senhora tivesse apenas a finalidade de ser bebida. O Sr. Dr. Lourenço mandou fazer os primeiros prospectos com indicação das normas a observar pelos peregrinos ao entrar no recinto das aparições. Foi também este Reitor quem mandou fazer guardas diurnas e nocturnas no recinto.

Monsenhor Borges é o guarda vigilante do Santuário

de Nossa Senhora e é a sua orientação segura e rigorosa, não isenta por vezes de espinhos e incompreensões, que constitui a maior glória e a maior dignidade tão apreciada, no fim de contas, por todos os que nos visitam, quer como peregrinos, quer como simples turistas. Por isso, todos devemos a Monsenhor Reitor a nossa melhor colaboração neste sentido.

Cinquentenário da Cova da Iria

A Cova da Iria completou, há pouco, 50 anos de existência como aglomerado urbano. Alguns dos que aqui se encontram assistiram ao seu nascimento. Assistimos todos às grandiosas cerimónias do cinquentenário das aparições de Nossa Senhora que é também o cinquentenário da Cova da Iria. A presença do Santo Padre Paulo VI, a da Irmã Lúcia, de tantos Cardeais, Arcebispos e Bispos, do Chefe do Estado e do Governo da Nação e da maior multidão jamais congregada, foram acontecimentos que a História registará como dos maiores de todos os tempos.

Adivinhámos o trabalho, canseiras, preocupações, sacrifício e zelo das pessoas que tiveram que estudar, preparar e organizar tão grandes cerimónias. Em primeiro lugar, temos que ter presente o nosso venerando e querido Bispo, Dom João. Depois, o seu venerando e muito estimado auxiliar, o Senhor Dom Domingos.

Mas temos que colocar entre os mais directos responsáveis e obreiros do nosso querido Reitor, Monsenhor António Antunes Borges.

Cumpra um dever de gratidão a família fatimense. Por isso aqui estamos todos reunidos — os amigos de perto e os amigos de longe — que eu saúdo efusivamente e cuja comparação agradeço — para testemunhar a Mons. Reitor o nosso muito obrigado, ao mesmo tempo que duplicamos para Sua Rev.ª as maiores bênçãos e graças de Deus.

Apenas nos atrevemos a dirigir um pedido a V. Rev.ª, Mons. Reitor, que nos considere a todos seus amigos, porque o somos de verdade, e nos ajude na resolução dos problemas da Cova da Iria e que V. Rev.ª conheça muito bem. Todos nós desejamos que a nossa terra progrida, seja dotada dos melhoramentos necessários e justos, para o desempenho do lugar para que foi predestinada. Para isso contamos com o apoio e a ajuda do Santuário.

Monsenhor Reitor, que a vedação do recinto seja apenas simbólica, e que formemos todos, sacerdotes, religiosos e leigos; os que aqui habitam permanentemente e os que aqui têm as suas residências periódicas; os que se encontram ligados à Fátima por laços de comércio, cultura, simpatia e devoção, uma autêntica Comunidade cristã, uma verdadeira Terra de Santa Maria.

Formulamos os mais ardentes votos por que o Senhor lhe conceda preciosa saúde e bem-estar e que a Senhora, nossa Mãe da Fátima, o conserve por muitos anos como Reitor do Seu Santuário da Cova da Iria.

Peregrinação Mensal de Outubro

O local das aparições voltou a registar a presença de muitos milhares de peregrinos de diversos pontos do país e de numerosas nações. Vieram para rezar, em união com o Santo Padre, pela paz no mundo, em especial em todo o território português e no Vietname, pela unidade da Igreja e pelo bom resultado do Sinodo Episcopal que está a decorrer em Roma.

A diversas horas da manhã do dia 12, tanto na Basílica como na Capela das Aparições, foram celebradas numerosas missas pelos capelães e sacerdotes nacionais e estrangeiros. Às 12 horas, celebrou na Capela das Aparições Mons. António Antunes Borges, reitor do Santuário. Esta missa foi transmitida pela Radiotelevisão para todo o País.

Às 17 horas, celebrou-se no altar exterior da Basílica, uma missa com a assistência de muitos milhares de fiéis. Foi celebrante o Senhor Dom Pompeu Leão de Seabra, Bispo de Malange, que na altura própria dirigiu palavras adequadas a todos os fiéis.

No altar-mor da Basílica celebraram depois Mons. Manuel Alves Guerreiro e o Rev. P. Jana, capelão da guarnição militar de Abrantes. A esta missa assistiram cerca de 700 soldados do Batalhão de Caçadores 1921 e respectivas famílias que se incorporaram nesta peregrinação.

Para tomar parte nas cerimónias, vieram a Fátima para cima de 200 peregrinos de diversas partes da Alemanha, cerca de 160 americanos, integrados na Associação do Exército Azul

de Nossa Senhora da Fátima, um grupo de 15 polacos residentes em Paris que vão levar da Fátima uma imagem da Virgem destinada à igreja de Paznan na Polónia. Estiveram ainda peregrinos franceses, espanhóis, irlandeses e italianos, em elevado número.

NO DIA 13

A chuva não afastou os muitos milhares de peregrinos que assistiram aos actos comemorativos da última aparição da Santíssima Virgem em 1917.

Apesar da noite chuvosa e fria, muitos peregrinos estiveram em adoração ao Santíssimo Sacramento e ouviram as pregações dos sacerdotes, desde a meia noite até às 6 horas da manhã. Às 6 horas e meia, 16 sacerdotes tomaram parte numa concelebração e deram a comunhão a mais de 15 mil fiéis.

Pelas 10 horas, toda a multidão se congregou em volta da Capela das Aparições para tomar parte na procissão com a imagem para o altar exterior da Basílica. Na procissão tomaram parte dezenas de estandartes dos países onde está estabelecido o movimento do Exército Azul de Nossa Senhora da Fátima.

Às 11 horas, realizou-se a cerimónia principal: a missa dos doentes. Numa concelebração presidida pelo Senhor Dom João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, tomaram parte 15 sacerdotes de diversas nações. Os doentes assistiram na Colunata do lado do Evangelho. Na outra Colunata concentraram-se muitas centenas de peregrinos estrangeiros.

Ao evangelho fez a homilia o Senhor Dom Francisco Rendeiro, Bispo de Coimbra, que se referiu ao Sinodo dos Bispos que presentemente decorre em Roma, com a presença dos representantes das conferências episcopais do mundo inteiro e no qual a Conferência do Episcopado da Metrópole está representada pelo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, a de Angola pelo Sr. Arcebispo de Luanda e a do Episcopado de Moçambique pelo Sr. Arcebispo de Lourenço Marques. A oração dos fiéis foi proferida nas línguas portuguesa, espanhola, italiana, inglesa, alemã, polaca e húngara.

Na altura da comunhão os 16 sacerdotes distribuíram a Eucaristia a muitos fiéis.

Finda a missa, o Senhor Bispo de Leiria recitou a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, e o Senhor Bispo de Coimbra deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes e a todo o povo.

Antes da procissão do adeus, o Senhor Dom João Pereira Venâncio benzeu duas coroas para duas imagens de Nossa Senhora da Fátima que vão ser coroadas pelo representante do Arcebispo do Cairo, no Santuário de Heliópolis, e outra pelo Senhor Bispo de Leiria, em Belém, na Jordânia.

As cerimónias terminaram com a procissão do adeus e o regresso da imagem da Virgem da Fátima à Capela das Aparições.

PEREGRINAÇÃO A ÁFRICA PRESIDIDA PELO SENHOR BISPO DE LEIRIA

Depois das cerimónias do dia 13 de Outubro, partiu da Cova da Iria uma

peregrinação composta de cerca de 100 membros do Exército Azul de Nossa Senhora da Fátima, da América do Norte, que vão percorrer o continente africano.

Preside a esta peregrinação o Senhor Dom João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria.

Com os peregrinos seguiram 14 imagens de Nossa Senhora da Fátima que vão ser entronizadas nas catedrais do Cairo, Adis Abeba, Nairobi, Beira, Lourenço Marques, Joanesburgo, Luanda, Dakar, Rabat, etc..

A peregrinação partiu de Lisboa no dia 14, em avião especial, para Roma onde foi recebida pelo Santo Padre Paulo VI, que benzeu as 14 imagens.

A peregrinação terminará no dia 6 de Novembro no aeroporto de Nova Iorque.

10.000 MEDALHAS PARA DISTRIBUIR NA IRLANDA

Entre os peregrinos que estiveram na Fátima no dia 13 contava-se o Sr. José Lowell, católico da Irlanda, que vem à Fátima desde que em 1949 se incorporou na peregrinação que aqui trouxe a rica custódia de ouro e pedras preciosas que os católicos irlandeses ofereceram à Basílica do Santuário.

Desde essa data, o Sr. Lowell vem à Fátima todos os anos e incorporou-se na procissão com um estandarte. Grande devoto de Nossa Senhora, este católico irlandês levou consigo 10.000 medalhas para distribuir pelo seus amigos. Estas medalhas foram benzedidas pelo Senhor Bispo de Leiria.

S. I. S.

Sínodo Extraordinário dos Bispos Vida do Santuário

COMEÇOU no domingo, 12 de Outubro, em Roma, e prolongou-se por algumas semanas, o II Sínodo Extraordinário dos Bispos. Além dos representantes de todas as conferências episcopais do mundo, nele tomaram parte vários cardeais da Cúria, alguns religiosos, etc., num total de 146 participantes. De Portugal metropolitano foi o Sr. Cardeal Patriarca. Foram também, do Ultramar, os presidentes das conferências episcopais de Angola e de Moçambique.

Para que é este Sínodo dos Bispos? — Para procurar definir os processos para uma mais ampla cooperação entre a Sé Apostólica e as conferências episcopais. Para procurar desenvolver o diálogo entre o Papa e os Bispos e entre as Conferências Episcopais e o Povo de Deus.

Trata-se dum prolongamento e concretização do II Concílio do Vaticano.

Eis algumas das afirmações feitas pelos Em.^{mos} Cardeais que tomaram parte no Sínodo:

PALAVRAS FRANCAS DO CARDEAL WYSZYNSKI

○ Arcebispo de Varsóvia lançou um apelo no sentido de se deixar de perturbar a consciência dos fiéis e em particular dos que vivem em regimes ateus. Não se devem multiplicar as discussões teológicas, afirmou, pois os homens estão cansados das inumeráveis discussões e diálogos, e os fiéis abandonam com indignação os mestres e doutores que falam muito e não ensinam coisa nenhuma.

Os povos oprimidos pelo ateísmo querem bispos unidos dentro do Sínodo, sendo este o próprio símbolo da unidade.

CARDEAL WRIGHT

«O bispo não é bispo—disse o Cardeal americano João José Wright, prefeito da Congregação do Clero — por ser membro da Conferência dos Bispos, mas sim por exercer o seu ministério em união com o Sumo Pontífice».

CARDEAL DANIELOU

A um representante da «France-Presse» declarou o Cardeal Daniélou:

«O Sínodo não é obrigado a abordar todos os problemas actualmente agitados. O essencial é que o povo cristão tenha consciência de que o Sínodo manifesta uma união profunda entre o Papa e o Colégio Episcopal. Para o povo cristão, é esta união que serve de garantia da solidez da fé e da instituição eclesial».

CARDEAL HEENAN

Em conferência de imprensa, declarou o Cardeal John Carmel Heenan, Primaz da Inglaterra:

«A Igreja é parte do Mundo, compartilha a experiência do Mundo. De S. Francisco a Tóquio, a autoridade é posta em causa.»

«Quando se tem uma situação como esta, com bons católicos a dizerem que discordam do Papa, necessitamos de que a Igreja se una, como estamos agora a fazer, para decidir o problema da autoridade e como é que poderá ser administrada.»

AS DIVERGÊNCIAS NÃO TOCAM NO ESSENCIAL

Numa das primeiras reuniões, notaram-se as seguintes diferenças de critérios: Uns insistiam na supremacia do Papa, outros nos poderes do Colégio dos Bispos. A este respeito, o Cardeal Doepfner pediu que a Comissão Teológica Internacional seja encarregada de aprofundar, com o acordo do Papa, a relação entre o Papa e o Colégio Episcopal.

Durante a 3.^a sessão, os padres pronunciaram-se, em geral, a favor do aumento dos poderes dos bispos. Mas, sem deixarem de o reconhecer, os prefeitos das Congregações Romanas puseram o Sínodo de prevenção contra os excessos possíveis.

PRIMAZIA DO PAPA

O teólogo pessoal do Papa, Carlos Colombo, salientou no seu discurso a primazia do Papa «sem a qual a colegialidade não pode existir.»

Empenhemo-nos, nós também, no êxito dos trabalhos e rezemos pelos seus melhores resultados.

14.^a PEREGRINAÇÃO NACIONAL DO ROSÁRIO

Presidida pelo Senhor Dom José Pedro da Silva, Bispo de Viseu, efectuou-se nos dias 4 e 5, a 14.^a peregrinação nacional de membros do Rosário, organizada pelo Secretariado Nacional do Rosário e que trouxe à Cova da Iria para cima de 10.000 pessoas de quase todos os pontos do País.

Aos actos assistiram também os Senhores Bispos de Leiria, o novo provincial da Ordem Dominicana, o promotor nacional do Rosário, o Prior do Convento da Fátima e diversos outros sacerdotes dos seminários da Ordem e vários párocos.

A peregrinação constou dos seguintes actos: concentração na Cruz Alta e desfile até à Capela das Aparições onde o Rev. Frei Luís Cerdeira proferiu uma saudação a Nossa Senhora, missa vespertina celebrada pelo Sr. Bispo Auxiliar de Leiria que proferiu uma homilia de circunstância, adoração colectiva e procissão eucarística.

No dia 5, às 7 horas, houve missa celebrada pelo Promotor nacional e às 10 horas e meia todos os peregrinos tomaram parte numa concelebração presidida pelo Senhor Bispo de Viseu, em que tomaram parte o Senhor Bispo de Leiria, o Provincial e mais 15 sacerdotes da Ordem dominicana e outros. O Senhor Bispo de Viseu proferiu a homilia sobre a recitação do terço, tão recomendada pela Santíssima Virgem na Cova da Iria, quando apareceu aos três pastorinhos.

Efectuou-se depois da missa a consagração ao Imaculado Coração de Maria, proferida pelo Provincial dominicano e, por último, a procissão do adeus em que se incorporaram diversos estandartes e muitos milhares de peregrinos.

APELO DO ARCEBISPO DE SAIGÃO PARA OBTENÇÃO DA PAZ NO VIETNAME

O Senhor Dom João Pereira Venâncio tornou público aos peregrinos que se concentraram para a peregrinação do Rosário um apelo do Arcebispo de Saigão, no sentido de se organizar uma campanha mundial de orações, sobretudo em todos os santuários marianos da Europa, a fim de obter de Deus a tão suspirada paz para as martirizadas terras do Vietname. Por esta intenção efectuou-se na Fátima uma velada de orações na noite de 2 para 3; e esta foi também uma das intenções da peregrinação dos dias 12 e 13.

SACERDOTES DO VERBO DIVINO

Na capela do Seminário do Verbo Divino, o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria conferiu a sagrada ordem de presbítero a três novos missionários portugueses, que fizeram os seus estudos em Tortosendo, Fátima, Lisboa e Espanha.

Os três novos missionários são os Rev.^{os} Padres Rodrigo dos Santos Carvalho, natural de Unhais da Serra, David Sampaio Dias Barbosa, de Guimarães, e José Joaquim da Silva, de Fafe. Encontravam-se a estudar na Casa da Congregação do Verbo Divino nos arredores de Lisboa, quando ela foi destruída pelas inundações há dois anos, pelo que tiveram de continuar os seus estudos em Espanha.

As cerimónias da ordenação assistiram os pais e pessoas de família e amigos dos novos padres e diversas outras pessoas, além dos superiores, professores e alunos da Congregação do Verbo Divino.

Na mesma altura efectuou-se a cerimónia da tomada de hábito de 10 seminaristas.

O P. Rodrigo vai continuar os seus estudos em Madrid, o Padre Joaquim da Silva, em Lisboa, e o Padre Dias Barbosa irá para Roma.

REZA DO TERÇO NA CAPELINHA DAS APARIÇÕES

O Senhor Bispo de Leiria dirigiu um apelo às pessoas que vivem mais perto do Santuário, para que, à semelhança do que se faz na capela do Lausperene desde 1960, se passe a rezar permanentemente o terço na Capela das Aparições, o local preciso onde há 50 anos Nossa Senhora disse aos videntes que rezassem o terço todos os dias, para obter de Deus a graça da Paz para o mundo.

Seriam estabelecidos, «todos os dias, do meio dia às 19 horas, 14 turnos de desagravo ao Coração Imaculado de Maria por todos os pecados e desmandos que se cometem no mundo de hoje e num desaforo que espanta, contra Deus e contra tudo o que é santo», diz o Senhor Dom João Pereira Venâncio na carta que dirigiu aos sacerdotes, religiosos e leigos que vivem na Cova da Iria.

Secundando o apelo do Senhor Bispo, esta devoção principiou já a ser posta em prática na Capela das Aparições, diante da imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Fátima no Mundo

EM BUENOS AIRES (ARGENTINA)

Num movimento contagiante de entusiasmo e de visão, foi fundado a 13 de Junho de 1961 o Círculo Cultural Português de José C. Paz «Nossa Senhora da Fátima» em louvor da Santíssima Virgem.

A Direcção, para ampliar as realizações do Círculo, pretende, com o maior entusiasmo, convocar a mocidade a integrar-se nas novas iniciativas de vida associativa ao ar livre, programando a construção da sua sede própria num terreno de três mil metros quadrados, recentemente adquirido. O Círculo alcançou nos últimos três anos notável progresso e conta já com o apoio de frequentes associados.

A actual Comissão Directiva é a seguinte: Presidente, Abílio Fernandes; Vice-Presidente, António C. Viegas; Secretário, Lúcio R. Cardoso; Secretário Adj., Manuel Fernandes; Tesoureiro, Manuel Marques de Almeida; Vogais Titulares, Manuel G. Rita, Manuel J. da Costa, José E. Henriques; Suplentes, José Vasco e Sebastião M. Almeida.

(Do jornal «MUNDO PORTUGUÊS», 30 de Setembro de 1969).

NA AMÉRICA

Em Newark, estado de Nova Jersey, estão quase prontos os planos para a construção dum jardim-escola anexo à igreja de Nossa Senhora da Fátima. Os paroquianos já deram cerca de 36 mil dólares (mais de mil contos) para aquele fim.

«Vai, a tua fé te salvou!...»

Exemplo de fé e sacrificio esta notável criatura, que se chama Maria Justina. Três vezes por ano vai ela à Fátima. A pé. Em Maio, pelas suas intenções pessoais. Em Agosto, pelos seus benfeitores. E, em Outubro, pelos soldados do Ultramar.

É farrapeira, viúva, natural de Cortegaça, onde mora no lugar da Aldeia. Daqui partiu, para o seu voto augusto, no dia 6 de Agosto, pois costuma demorar quatro dias a sua jornada piedosa. Acompanhada. Mas, porque, como nos disse, as companhias andavam pouco, alargou o passo e deixou-as. Depressa alcançou Avanca, já em Estarreja. Ali, o coração a traiçou-a. Sentiu-se mal e pediu hospitalidade. Verificou-se, contudo, que precisava de cuidados médicos.

Solicitamente, alguém lhos requereu e foi aconselhada a hospitalizar-se. Era já noite e lá ficou no hospital de Estarreja.

E até aqui nada de muito especial, a não ser o espírito de fé e sacrificio desta alma. Mas, se esclarecermos que se trata de alguém que conta a bonita soma de 89 anos, então, parece-nos, o caso é de registar. E se acrescentarmos ainda que esta devota insiste em fazer a ida, a pé, até à Fátima, se melhorar, julgamos que, na verdade, se trata dum extraordinário caso de vontade e de crença. E, se considerarmos que das suas três peregrinações anuais uma só é por ela; e se as intenções das restantes estiverem no nosso pensamento, cuidamos que o caso será também, justamente, motivo de reflexão.

Aqui o deixamos à consideração dos leitores, cada qual a seu modo, não sem acrescentarmos que o título não é nosso, mas do próprio Evangelho, pois, como reza o dito, o seu a seu dono, conforme também ao espírito dos livros.

(Dos jornais)